

PEDAGOGIA SOCIAL: DIÁLOGO COMO AÇÃO LIBERTADORA POR UMA SOCIEDADE HUMANIZADA

Angela Cristina Gualine dos Santos

RESUMO

Este artigo busca estabelecer, nas relações de convívio, a posição de fala dos locutores e interlocutores que circulam na sociedade, especificamente, na escola. Neste espaço de convivência, as narrativas revelam a personalidade de cada sujeito. Sendo o diálogo o formato impresso na condição humana, percebem-se incoerências no discurso. Noto, entretanto, que, nas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas pelas quais transito, acontecem as falas dos sujeitos em uma posição de opressores e oprimidos. Desse modo, ao conviver com o outro, que comigo transita pelo espaço escolar, dialogo se dar na expectativa de interagir, e na interação, comungamos das ações que nos desumanizam ou humanizam.

PALAVRAS-CHAVE:

Pedagogia Social. Educação. Diálogo e Humanidade.

INTRODUÇÃO

O caminho a ser abordado neste texto foi percorrido no período da minha existência, conduzindo-me à busca de ser mais; um processo doloroso, entretanto, necessário. Reconheço a evolução do desenvolvimento que, na troca com meus interlocutores, permitiu-me extrair uma versão humanizada das minhas ações, encurtando o distanciamento entre o que falo do que faço. O processo de



metamorfose vívido por mim assemelha-se ao processo inicial do casulo, que passa por várias etapas de evolução para o surgimento da linda borboleta.

Transcender, com disciplina, da condição em que, acomodada, eu vivia foi reconhecer que precisava iniciar a busca do novo humano. Um novo nascimento era-me proposto. A oportunidade de desfazer meu egocentrismo começou por rever minhas atitudes e fazer a escuta da minha fala, identificando minha condição antidialógica, que também contribuía para uma escola domesticada.

Ao me deparar diante do espelho da consciência, que me conduz à autopercepção como docente-opressora, debruço-me sobre minha prática, envergonhada de minha falácia, reproduzindo um discurso burguês para me manter. Decido sair da acomodação e retiro as luvas e as máscaras da indiferença. Busco a libertação e desejo ser eu mesma na condição inacabada, porém, no processo de evolução, vou resgatando-me, reconstruindo-me, juntando os caquinhas dos solavancos que a vida usou para me refazer. Dessa forma, surge o novo humano em processo contínuo e permanente de formação.

A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO E A DESPEDAGOGIA

“É caminhando que se faz o caminho.”

(Antônio Machado)

A saber, tenho formação de professora há quase três décadas, trajetória iniciada por volta do ano 1988 e mantida até a presente data. Como afirma o autor Antônio Machado, é “caminhando que se faz o caminho”. Foi pelos corredores e pelas salas de aula das escolas que caminhei, lugar de encontro, de passagem e de estadia, onde pessoas circulam diariamente, e, nesse movimento de interação, todos os envolvidos se tocam, afetando e sendo afetados; atravessam com vozes que, quando ecoam, vão se constituindo ao longo do caminho.



Dessa forma, sou atravessada pelos meus professores das séries iniciais, que marcaram minha vida como estudante. Ao assumir a vida profissional com o ofício de professora — hoje professora-pesquisadora — trago nas minhas memórias, estímulos com sabores, sons, cores, formas e aromas, estabelecidos nas relações afetivas, para, a partir deste dialogar no espaço das escolas públicas nas quais estabeleço cotidianamente com os alunos e com os professores experiências que levam os infantos, bem como os demais interlocutores desse espaço, a criar um relacionamento de boa convivência.

Implicada no processo de ensino-aprendizagem, a escola é lugar de estadia, de passagem de movimento contínuo. Aqueles que por ela transitam levam e deixam um pouco de si. Nessa interação, o monólogo ainda é o formato proposto nas informações e formações dos oponentes, que acreditam que contribuem para o desenvolvimento humano. Em contrapartida, a Educação Infantil e o primeiro segmento do Ensino Fundamental tratam do primeiro estágio de crescimento. Nesse período, as crianças estão disponíveis para coletar o maior número de informações com aprendizados que tenham significados e que devem vir adornados de estímulos para apropriação do desenvolvimento cognitivo, como: a leitura, a escrita, o cálculo e a convivência. O monólogo, portanto, não condiz com essa realidade dinâmica e diversificada.

Todo o processo percorrido na evolução para a transformação requer paciência histórica. Entender os condicionantes que envolvem cada sujeito da escola exige de cada um dos atores desse espaço a abertura para o diálogo. Este é uma condição da existência humana e possibilita a abordagem sobre os mais variados assuntos, afinal, os alunos do século XXI desejam e precisam falar. O mover pedagógico, então, envolve pessoas, e deve ser entendido que as relações acordadas, estabelecidas, compreendidas e respeitadas a partir de cada encontro devem ocorrer na verdadeira cooperação, porque são tratativas de união. Diz o dito popular que *a união faz a força*, logo a desunião tira a força e enfraquece. Para que possamos solidarizar os encontros, é necessário que todos (diretor, professor e os demais funcionários do apoio técnico, pedagógico, administrativo, enfim, todos os coparticipantes que compõem a escola) façam-na funcionar humanamente.



O aluno é o centro do processo de ensino-aprendizagem, e cada setor disponível na escola gira em torno desse indivíduo. Reitero a necessidade de nos abstermos do egocentrismo imposto pelas relações antidialógicas. Chamamos de ações antidialógicas atitudes nas quais alguns atores do espaço escolar beneficiam um aluno em detrimento de outro, elevando-os como conquistas e até premiando-os pelo formato de atuar, pela organização, pelas respostas corretas nos questionários, o que contribui para o estabelecimento de um movimento de divisão entre os pares.

Esse círculo favorece a divisão, imprimindo timbres de lados opostos, ou seja, separando aqueles “que sabem” daqueles “que não sabem”. O processo inclui, no próprio fazer, a sabotagem ao considerar que está no controle da situação, fazendo aqueles que são tomados como “menos capazes” acreditarem que existem os que sabem mais. O autoritarismo imposto nessa relação não representa autoridade. Muito pelo contrário, impõe arbitrariedade, de modo que a ausência de autoridade não configura bondade. Nesse sentido, cargos de gestão sugerem-se como pontos de equilíbrio das relações e devem garantir um salutar desenvolvimento da prática pedagógica, que é um dos principais papéis da escola e da responsabilidade de todos. Qualquer atitude diferente dessa posição configura despedagogia.

O prefixo *des-* da palavra *despedagogia* expressa sentido de negação e coloca-se como elemento contrário, priva a pedagogia, e, consequentemente, o pedagogo é insuficiente na sua atuação profissional. Fica evidente que a escola não tem papel definido para atuação do fazer docente na atualidade, já que insiste em uma prática pedagógica de memorização, com reposição de conteúdo e centrada no monólogo docente, no qual a ideia iluminista da universalização dissemina um modelo de sala de aula silenciosa, com docentes rigorosos e punições para os discentes que não acertarem os questionários.

Esse arquétipo passou a ser criticado por volta dos anos 1960, e, desde então, essa prática não é mais bem-vindo ao cenário escolar. Freire (2018) aponta-nos que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Diz que se faz necessário refletir sobre ela e que esse ato é tão necessário quanto a efetivação dela mesma. Então algo está em discordância. É urgente o diálogo entre os docentes com a efetivação da ação no fazer pedagógico.



Diz o chavão que *lugar de criança é na escola*, mas como praticá-lo se a escola é o lugar que afirma o insucesso, e o desigual é reprovado? Histórica e culturalmente, existe uma crença de que essa instituição é o lugar que ensina. De acordo com essa afirmação, as crianças começam, aos três anos, sua idade escolar, e, desde então, os compromissos com a escola resumem-se a cumprir tarefas de cunho pedagógico, objetivando trabalhar a socialização, a reprodução e a memorização.

Em contrapartida, nesse período, os infantes têm muitas horas de informações televisivas e, atualmente, conexões por meio da *internet*, ou seja, estamos diante das gerações mais sintonizadas do planeta. Nunca, em toda a história, as crianças receberam um volume grande de dados pelos mais variados meios de comunicações, com predominância da tecnologia. Tudo segue de forma positiva enquanto a criança responde satisfatoriamente aos objetivos propostos pela escola, porém basta um deslize no percurso para que esta não consiga lidar com a situação. Em vez de buscar soluções, procura culpados para justificar a ineficiência pedagógica. Na atualidade, faz-se necessário cautela para que, em um mundo de mudanças, não fiquemos ultrapassados.

Afinal, a escola resiste a inovar. Preparou-se para enfileirar as cadeiras e elaborar atividades idênticas para todos os estudantes; e contou, para isso, com um programa curricular detalhado, oferecendo meramente a reprodução das respostas do livro didático. Essa realidade do espaço escolar me lembra um trecho de uma música do Ronnie Von, em que se aponta a existência de “[...] a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores e os mesmos jardins”. Fico a imaginar como seria tal realidade se a instituição escolar ensinasse aos alunos a prática do diálogo para que possam desenvolver a capacidade de pensar, de argumentar como cidadãos críticos e, assim, articular-se como seres humanos autênticos e emancipados; ou para compreender que a escola estará disponível para ofertar conhecimento ao aluno, o qual, também na condição de aprendiz, necessitará explorar todos os sentidos para apropriação daquilo que fora ensinado.

Não cabe a essa instituição justificar a atuação do fazer docente alienado, que até percebe as mudanças do mundo moderno, entretanto não reage frente aos desafios impostos com as circunstâncias que chegam com a modernidade. Antes, mantém a imagem, parafraseando as letras da música do Ronnie



Von, com a mesma sala, as mesmas práticas, as mesmas posições das cadeiras enfileiradas, os mesmos estilos de exercícios etc. Fico a lamentar ao ouvir a fala dos docentes que *aprenderam assim, logo os remanescentes da atualidade devem aprender também*. Ei, psiu! Os tempos mudaram! Os alunos de hoje estão no século XXI!

O processo de ensino-aprendizagem exige uma nova postura dos profissionais da educação. Não podemos interferir na origem da palavra *pedagogia*, entretanto podemos ressignificar a função que atuam pelo sentido dela, porque, na atualidade, o docente não é o condutor da educação escolar, mas autor do seu fazer, em uma relação na qual professor e aluno são autores no processo de construção do saber e do fazer. Freire (2018, p. 3), ilustra bem essa condição ao afirmar “[...] que o docente aprende ao ensinar e o discente ensina ao aprender”.

É fundamental, na prática da formação docente, que o aprendiz de educador se reconheça também como aprendiz. É no fazer do professor que precisa ocorrer a real mudança que atrairá o aluno do século XXI para o espaço da escola como lugar de troca, partilha, aprendizado e convivência com as diferentes formas de pensar e agir no contexto em que estamos inseridos. A atuação da escola deve estar no envolvimento traçado com a comunidade e suas respectivas famílias, propondo sempre um diálogo encorajador, humanizado e envolvente para que a prestação de serviço seja estabelecida com elos de confiança com os pais e os responsáveis dos alunos. Como posso dialogar se me condono à ignorância? Segundo Freire (1997), para um relacionamento dialógico, deve existir amor entre os homens.

Então, uma escola com práticas dominadoras e atitudes antidialógicas e a serviço de uma elite que segregá, manipula e oprime jamais poderá estabelecer um diálogo. Devemos apresentar uma outra instituição, a que liberta, emancipa e humaniza as relações, permitindo que os excluídos rompam com a condição de subalternos. É difícil, mas é possível, pois trata-se de uma questão de escolha. A decisão é individual, de modo que os sujeitos escolham se acomodar ou reagir para avançar.

A TRANSFORMAÇÃO PELO DIÁLOGO E A HUMANIZAÇÃO



“Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.”

(Paulo Freire)

A epígrafe que inaugura este tópico é uma afirmativa expressada por Freire (2018), que me permite a possibilidade de sair do lugar passivo e intervir na história da minha realidade, porque o mundo está em constante evolução, de modo que ele “não é”, mas “está sendo”. Dessa forma, o mundo tem papel de constante mudança; ele a parteja. Não cabe a mim apenas ser mera espectadora, aquela que só constata o que ocorre, mas, sobretudo, aquela que intervém como sujeito dessas ocorrências e, assim, sai do lugar de objeto da história e se assume como sujeito no mundo, na cultura e na política.

Não posso ter como álibi estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Qualquer que seja a minha atitude, inclusive o silêncio, é uma atitude. Essa acomodação é apenas um caminho que implica a escolha de intervenção na realidade. Nesse sentido, Araújo (2015, p. 15) comenta que

Meu maior desejo é despertar a consciência das pessoas, não só sobre a “sofrência” humana das crianças, mas promover uma reflexão acerca dos possíveis caminhos pedagógicos a serem trilhados por elas e por seus docentes, na tentativa de superar a situação em que se encontram e anunciar a fortaleza que é possível ser construída a partir dos embates cotidianos pela sobrevivência.

Araújo (2015) provoca-nos, ainda, para a reflexão acerca da atuação docente, na posição também daquele que aprende. A escola ainda não percebeu que as relações entre professores e alunos, neste século, devem ser ancoradas na essência do diálogo. Se este é uma exigência da condição humana, as relações devem solidarizar-se na humanização dos encontros.

Vale ressaltar o uso do bom senso: se, por um lado, o educador não deve se converter ao saber ingênuo e precário dos grupos populares, por outro lado, não deve também impor seus conhecimentos de forma



arrogante, como se só os saberes dos professores fossem verdadeiros. É no diálogo que, motivando os grupos populares a pensar sobre suas experiências e a explicar sobre seus saberes, essas organizações começam a perceber a necessidade de se entenderem os motivos que tornam os indivíduos desfavorecidos.

Por isso, como educadora, não posso desconsiderar os saberes gerados nas experiências do aluno, porque estes têm muito valor, já que são aprendidos no contexto em que seus sujeitos estão inseridos, contendo sua marca, suas cicatrizes, seu cheiro, suas frustrações, enfim, sua história. Nas palavras de Freire (2011, p. 111),

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo o amor, o amor também é diálogo.

O ENCONTRO COM O PROJETO PIPAS-UFF

Diante do exposto, registro meu encontro, no ano de 2017, com o grupo de pesquisa trilhado na Pedagogia Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), o projeto Pipas-UFF, o qual me possibilitou o caminho da inquietude, da pesquisa, da provocação e da necessidade de me reinventar em tempos sombrios, que sinalizavam o desmonte da escola pública. Mesmo entre inúmeros contratempos, revelou-se como uma possibilidade de se encontrar a diversidade no vivido, no pesquisado, no teorizado, no praticado e, por fim, no que foi aprendido.

O processo de crescimento interior e as mudanças ocasionadas no decorrer dessa vivência provocaram a expulsão dos hábitos que representam sombras do fazer pedagógico desconexo, para assumir um fazer autoral, com autonomia. Não existe abertura imposta do *faz o que eu mando, mas não faz o que eu faço*; antes, o fazer pedagógico ocorre na concretização da palavra pelo exemplo, pela práxis, encurtando o distanciamento do que falo pelo que faço, de modo que o meu falar se torna o meu fazer.



Essa maneira de pensar, investida na maneira de fazer, vai formatando e ocupando o espaço da escola, que é constituído de nossas ações amorosas.

O interesse constante de aprender surge explorando os sentidos da escuta sensível, do olhar com ternura, da partilha, da comunhão e da manifestação do encontro com outro. Deflagra em mim, aprendiz, uma curiosidade crescente, a fim de me tornar autora do meu fazer, alcançando a emancipação da cidadã crítica e humanizada, de modo que, em equipe, vamos semeando, no terreno árido do chão da escola, uma ação pedagógica humanizada e emancipatória.

É necessário oportunizar aos nossos interlocutores/educandos a possibilidade de romper, por meio do diálogo, com a condição de excluídos, fazendo a leitura do mundo e se apropriando da leitura da palavra. Sendo assim, ao ampliar minha leitura na *Pedagogia do Oprimido*, encontro-me nas linhas dos textos como fruto da Educação Bancária. Nesta concepção, minha visão de educação ainda é conservadora, expressa na forma como ministro meu fazer. A aprendizagem presente nas redes pública e privada, principalmente em tempos de pandemia, explicitou uma ação despedagógica. Não basta citar Paulo Freire, modificar a LDB, criar leis de inclusão cultural e social e falar sobre igualdade e pluralidade se não conseguimos o básico: entender que educação não é só conteúdo com significado. É preciso humanizar nossas relações por meio de práticas dialógicas.

Como integrante do Grupo de Pesquisa Pipas-UFF, tornei-me docente-pesquisadora a partir dos indicadores da Pedagogia Social, os quais usei como lente, permitindo o contato com outros sujeitos da pesquisa. Aguço meu olhar a fim de perceber, na minha ação e na dos docentes que comigo entrecruzavam o espaço escolar, que a prática pedagógica utilizada ainda apresenta uma ação despedagógica. Esta, como achado da pesquisa, foi confirmando-se e revelando que uma intervenção na ação educativa se fazia necessária e urgente.

O desafio foi convencer os demais professores de que precisávamos reagir diante da realidade da qual fazemos parte e que o mal fazer das nossas ações implica diretamente o fazer docente. Daí nasce a proposta da metodologia pesquisa-formação. Precisamos sair do lugar de acomodação e assumir autoria do nosso fazer pedagógico, tornando-nos, assim, proprietários da nossa prática pedagógica e



não locatário de programas empacotados do sistema. Para isso, deixo o convite de assumir a posição de professores-pesquisadores para, então, na busca do ser mais, estarmos imbuídos em oferecer uma educação dialógica, libertadora e, consequentemente, humanizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo vivido para a evolução da professora-pesquisadora depara-se com a consciência da autopercepção como docente-opressora, e, debruçada sobre a minha prática e envergonhada da minha falácia, reproduzo um discurso burguês para me manter. Decido sair da acomodação e retiro as luvas e as máscaras da indiferença. Busco a libertação e desejo ser eu mesma na condição inacabada, porém na busca permanente do aprendizado.

É difícil, mas é possível, pois trata-se uma questão de escolha. A decisão é individual, de modo que os sujeitos escolhem se acomodar ou reagir para avançar. Eu escolhi reagir. Não foi magia. Trata-se de um processo contínuo de mudança, na perspectiva de revitalizar o antigo e ressignificar o novo, no movimento de busca interior, a partir de estudos, leituras, reflexões das ações, encontros com meus pares e observações de outras práticas, a fim de construir alternativas, aplicá-las e reavaliá-las cotidianamente.

Concluo que é possível a caminhada para a transformação de uma sociedade que deseja humanizar as relações a partir de atitudes dialógicas e se colocar em movimento para contribuir com ações pedagógicas sociais e humanitárias. Desse modo, nota-se, nas nossas escolas, a corporificação da fala da professora e coordenadora do projeto Pipas-UFF Margareth Araújo: “façamos o melhor que pudermos, onde estivermos e com os recursos que temos”. Dessa forma, acredito contribuir para a construção de um mundo mais justo e igual para todos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Margareth Martins de. A Pedagogia Social que fazemos. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 6, n. 2, p. 1-14, mar. 2019. Disponível em:

<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/164>. Acesso em: 3 nov. 2021.

ARAÚJO, Margareth Martins de. **Pedagogia Social: Diálogo com crianças trabalhadoras**. 1. ed. São Paulo: Expressão e Arte, 2015.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar Ética de humano – Compaixão pela Terra**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

NÓVOA, Antônio Manuel Sampaio. **Profissão Professor**: Organização. Editora Porto: Portugal, 1991.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática na Escola Pública**. 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, Escola e Docência: Novos Tempos, Novas Atitudes**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 56. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um Reencontro com Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1982.